

*Contos de vidas
Anônimas.*

Contos de vidas anônimas.

Aqui neste livro vocês vão encontrar alguns contos feitos por nós, algumas historias de romance algumas de um mundo surreal.

Autores:

Bruno Henrique Cortez

Cássio

Iago Carvalho

Vinicius Souza

Sumário

3 O primeiro dia com ela

5 O indomável senhor das águas.

4 O sonho

10 O encontro.

O primeiro dia com ela.

O Primeiro Dia Com Ela Acordei um pouco perdido, sem entender direito porque meu celular estava tocando às 11:45 de uma quarta-feira. Acordar a essa hora era algo bastante incomum para mim, e é por isso que fiquei completamente desorientado ao ser despertado com aquele som estridente que saía do meu aparelho celular. Somente depois de alguns segundos transitando entre o fantástico mundo dos sonhos e a vida real, acabei me lembrando do motivo: naquela quarta-feira, 20 de abril de 2016, eu – finalmente – conheceria a Melissa Araújo, a garota do Tinder, dona de fascinantes olhos que ainda eram uma completa incógnita para mim, pelo incrível fato de ser impossível descrevê-los. O encontro aconteceria somente às 14:00, mas para alguém tão desorganizado e desleixado quanto eu, a antecedência de duas horas era mais do que fundamental. Afinal, chegar atrasado estava completamente fora de cogitação. E, assim como tudo o que nos gera ansiedade, o horário do encontro pareceu demorar intermináveis horas para chegar, causando aquele angustiante, porém delicioso frio na barriga.

Como eu nunca a tinha visto pessoalmente fiquei imaginando se ela seria como nas fotos, ou como eu imaginava que seria. Será que aqueles olhos indescritíveis eram tão fascinantes quando observados de perto?! Essa máxima também servia para o outro lado da história, afinal, eu também poderia ser algo completamente diferente do que ela imaginava através das fotos que viu. E a hipótese de desapontar suas expectativas era algo realmente assustador. Talvez essa seja a grande aventura de encontrar pessoalmente com alguém que outrora era apenas um amigo virtual de um lugar distante: brincar com as expectativas que criamos no nosso subconsciente. O sol estava muito forte, mas o que mais me incomodava enquanto eu a esperava na parada de ônibus era o ascendente nervosismo estagnado dentro de mim. Um dos causadores do nervosismo era o fato de que aquele encontro seria completamente atípico: um encontro numa parada de ônibus, em que as primeiras horas aconteceriam em um ônibus provavelmente lotado. A chance de tudo dar errado tinha proporções estratosféricas. E enquanto eu a esperava na parada de ônibus, senti-me

um completo idiota por ter marcado um encontro com conhecer uma garota e mantê-la entretida em um características desafiadoras. Afinal, ônibus lotado era uma missão impossível. E então, o grande momento chegou. Meu coração ganhou ritmo incontrolável quando a vi descer da van, ainda sem uma imagem completamente definida por conta do sol forte que atacava meus olhos e me impedia de vê-la com precisão. Enquanto sua delicada silhueta aproximava-se de mim, eis que ela disse a primeira frase do encontro:

– Seu rosto é quadrado – E então um sorriso iluminado e desconcertante surgiu em seu rosto. Como sempre acontece nos primeiros encontros, o embaraço tomou conta de nós. “Enfrentar” alguém face a face é imensuravelmente mais desafiador do que conversar virtualmente. E para dificultar minha missão de quebrar o gelo, quando Melissa finalmente se sentou ao meu lado, constatei que os olhos não eram como nas fotos. Eram mais incríveis e fascinantes vistos de tão perto. Eram completamente intimidadores, ao ponto de ser uma tarefa árdua olhá-los por dois segundos sem sentir-me hipnotizado e enfraquecido. E como eu não sou capaz de ler mentes, era impossível saber,

saber o que se passava pela cabeça dela. Será que ela teve uma surpresa tão positiva quanto a que tive? Ou será que ela se deu conta de que eu não era nada do que parecia ser e já estava contando as horas para ir embora?! Mantê-la entretida e focada em mim dentro de um ônibus era completamente difícil. Eu não era nenhum novato, mas ainda assim a minha máxima do primeiro encontro ainda se mantinha verdadeira:

O primeiro encontro é o melhor e o pior na história de duas pessoas. É o pior porque nenhum dos dois se conhece verdadeiramente, e nem tem intimidade o suficiente para manter uma relação confortável durante o encontro. E é o melhor porque é o que mais causa o delicioso frio na barriga dos dois.

Com poucos minutos de conversa, eu sentia que não conseguiria dar mais corda na conversa e já me preparava para que aquele encontro fosse um grande fracasso. Até porque, até aquele momento, ela não dera sinais se gostara ou não de mim, o que tornava tudo ainda mais difícil.

Numa aposta atípica e, por que não, inteligente, sugeri que ouvíssemos músicas durante o percurso, que duraria pouco de mais de 40 minutos. Talvez o poder da música pudesse virar o jogo e aproximar Melissa de mim. Como ela havia dito que eu parecia com o personagem Fofão, nada mais conveniente e divertido do que começar a playlist do ônibus com o hit “Siga em frente, olhe para o lado”, do bizarro grupo turístico Carreta Furacão. E eu realmente acho que essa música ajudou a quebrar o gelo entre nós, porque a partir daí ficou muito mais fácil interagir com ela. Quando chegamos ao cinema, vimos que a fila para comprar ingressos estava interminável. Como Melissa e eu estávamos cansados e com as costas doendo por ficar quase uma hora em pé dentro do ônibus, pegar fila estava completamente fora de cogitação. Decidimos então passear e voltar ao cinema mais tarde, torcendo para que o lugar ficasse vazio com o passar do tempo. Após certa indecisão, fomos andar no Shopping, ainda incertos em relação ao que aconteceria naquele encontro. Mas no momento em que entramos na MC Donalds e a Melissa segurou o meu braço, caminhando junta de mim, senti que aquele seria um dia incrível, porque

aquele fora o primeiro sinal direto de que talvez ela
Diante de uma funcionária rebelde que se recusava a
também tenha gostado de mim.
usar o boné do MC Donalds, comprei um MC Flurry
para Melissa e uma casquinha para mim. Ela não
estava se sentindo capaz de comer sozinha aquele
sorvete extremamente açucarado, e num momento de
pura meiguice, encheu a colher e ofereceu para mim.
Eu não gostava muito daquele sorvete, mas era
impossível dizer não para aqueles olhos brilhantes
que se arregalavam para mim. Com certa
descoordenação, a ajudei a comer um pouco do
sorvete, mas acabamos por desistir daquele pote de
açúcar quando ele estava pela metade, e então saímos
dali. Fizemos uma procura cansativa por um
bebedouro, mas quando aceitamos que estávamos
completamente perdidos, acabamos parando em um
lugar do segundo andar, de onde tínhamos uma vista
até que interessante da cidade, mas que, acima de
tudo, era o ambiente ideal para ficarmos juntos.
Àquela altura eu já estava doido para beijá-la, mas
como eu quebraria o gelo?! Ela já tinha me dado sinal
de que gostara de mim, então bastava que eu criasse
atitude e a beijasse. Pensei em fazê-lo sem dizer nada,
apenas a surpreendendo com um beijo. Talvez fosse a
atitude mais normal e correta. Mas optei por algo

diferente. Algo bobo, talvez até idiota, mas diferente, – Você se sentiria mal se beijasse o Fofão? – Eu falei assim como a primeira frase e a primeira música com um sorriso idiota no rosto, porque sabia que daquele encontro.

aquela frase era absurdamente tosca para pedir um primeiro beijo. Mas eu quis usá-la, mesmo sabendo o quão boba ela era, e eu o fiz. É o que importa. E foi assim, no segundo andar do Center Shopping, que eu beijei aquela linda boca pela primeira vez. Com o primeiro beijo dado e com o gelo quebrado, senti como se eu a conhecesse há muito tempo, porque uma química absurda tomou conta de nós dois a partir daquele momento. Já nos sentindo íntimos, saímos do Shopping e fomos para o viaduto, onde Melissa tirou algumas fotos com meu celular. E vê-la tirar aquelas fotos era algo tão bonito. A delicadeza e o esmero que ela tinha para tirar cada foto era algo lindo de se ver. Ela era tão meiga. Curvando-se para buscar o melhor ângulo, enquanto eu a observava completamente abobado.

Em mais uma atitude completamente atípica de primeiro encontro, decidimos atravessar algumas pistas e ir ao Museu Municipal, onde algumas obras de uma artista francesa estavam sendo expostas. Em meio a beijos e sorrisos, Melissa e eu passeamos pelo lugar, comparando o passeio com a cena de Curtindo a

Vida Adoidado, onde Ferris Bueller, Cameron e Sloane Os minutos que se seguiram foram simples, porém davam às mãos com alunos de ensino infantil que intensos. Cada mínimo detalhe daquela tarde estava visitavam um museu e caminhavam em passos fazendo o dia valer a pena. Cada sorriso, beijo e abraço laterais pelo lugar. Esse filme, alias, era mais um dos tinham um sabor delicioso para mim. Em nossos interesses em comum.

determinado momento, quando me dei conta, Melissa e eu estávamos de mãos dadas, o que foi meio estranho e surpreendentemente. Há quase um ano eu não sabia o que era aquilo. E a naturalidade com que tudo aconteceu deu um sabor especial para o momento. Definitivamente, aquele não era um encontro qualquer. Era especial. O ótimo encontro estava chegando ao fim e estávamos perto de nos despedir, em virtude da chegada iminente de seu pai para busca-la. Porém, em mais um dos momentos ímpares daquele encontro, quando o pai dela chegou, eu ainda estava com a Melissa. Foi estranho e cômico: eu conheci o pai dela no mesmo dia em que a conheci. Super boa-praça e aparentando ser jovem de mais para ser pai daquela moça linda, o pai dela, mesmo sem saber que aquele era o encontro “das primeiras coisas diferentes”, tratou de entrar no clima e, ao invés de um “Olá, boa tarde.”, falou uma primeira frase inesquecível: – É esse o cara que vou ter que

bater?! – Ele disse sorridente, com a mão estendida para que eu o cumprimentasse.
em minha,

Fui convencido a me juntar a eles e ir de ônibus até a faculdade onde o pai dela teria aula no começo daquela noite. Esse passeio extra era algo completamente maluco, mas me senti completamente incapaz de dizer não para Melissa, que insistia com toda sua meiguice para que eu não fosse embora e ficasse mais tempo com ela. Como dizer não para aqueles olhos?! Por fim, ter aceitado o convite foi uma ótima decisão que tomei. Afinal, as horas extras que passei com ela valeram e muito a pena, e pude apreciar cada singelo momento ao seu lado. Enquanto o pai dela tinha aula na faculdade, Melissa e eu ficamos num parque, sentados em um banco de concreto, conversando, beijando e aproveitando a noite. Eu jamais imaginei que o encontro se estenderia tanto e que seria tão bom. Quando chegou a hora de nos despedirmos, tudo o que eu sentia era felicidade por ter tido um dia tão diferente, surpreendente e incrível, além de um sentimento de incapacidade por ainda não saber descrever aqueles maravilhosos olhos que, mesmo em um dia inteiro não deixou de ser uma completa

incógnita para mim. Talvez o fascínio em torno deles e incompreensíveis. Talvez eles devam ser apenas esteja justamente no fato de serem indescritíveis, apreciados e nada mais. Não sei se terei outra oportunidade de vê-los de perto, mas tudo o que sei é que serei eternamente grato por ter passado quase que um dia inteiro com Melissa e com todos os pequenos detalhes fascinantes que completam o seu ser ímpar e apaixonante. Sentindo-me incapaz de descrevê-la, prefiro me calar e evitar descrições, optando apenas por agradecer pela sua companhia e pelo nosso dia ímpar e inesquecível.

O sonho.

Estava andando com seus amigos rumo à escola, se distraiu e não viu a brecha que havia se formado no chão com a forte chuva da semana que se passou. Depois da vergonha que o atrapalhado sofreu, continuou o dia normalmente, foi à escola, recebeu sua nota, abaixo da média, voltou para casa, discutiu novamente com sua mãe, conversou com a namorada e chegou a hora de acabar mais um de seus monótonos dias. Naquela noite, no entanto, ele não descansou, pois a mente dele estava mais ativa que nunca esteve.

Naquela Madrugada Ele Sonhou.

Não um sonho normal, ele parecia mais palpável, parecia mais real. Então em um certo momento sem nem desconfiar, ele se encontrava em um quarto muito escuro com um fedor que ele não conseguia reconhecer, cada terminação nervosa de seu corpo estavam tão sensíveis que a leve brisa que vinha de sua frente, ao tocar seus dedos, machucava tanto que gritava de dor. Sem saber o porque da dor que sentia,

sem enxergar nem um pequeno feixe de luz, ele . Olhou para o tronco que havia chutado, e viu algo que sentou, e com uma dor exorbitante, meditou. Nunca nunca imaginou ser possível. Um Titã gigante em sua vida ele havia meditado, mas foi a primeira careca, pele vermelha cor de Sangue, inacreditável, coisa que veio em sua mente. Na medida em que o MORTO, em decomposição, mas o mais tempo passava e ele pensava, a dor diminuía, porém impressionante foi que o tronco que ele chutou era o não aguentava mais o ranço que sentia ao encher os dentes, que o caminho que ele percorreu era a pulmões, queria se livrar do mal estar que sentia garganta, que o quarto que ele estava era o estômago dentro daquele quarto grande, negro e fedorento. do titã. Em choque, meditar não era uma opção, ele Agora sem dor, levantou e seguiu a brisa que antes o correu em direção ao desconhecido, desesperado machucava, andou uns quinze minutos, ainda sem correu tao rápido que lembrava o campeão mundial de enxergar nada, percebeu que se sentia bem melhor cem metros rasos. Ao avistar um ser que não era que antes. Se distraiu e chutou um objeto que se parecido com nenhum humano, ele parou. Seu parecia comum pedaço de tronco. Ao transpor o que coração batia tao rápido e forte que doía, a adrenalina ele achava ser um tronco, e pisar no chão, como que espalhou por todo o seu corpo. Cada músculo estava se abrisse os olhos a luz o alcançou e enxergou todo o tao tensionado que dificultava a respiração. Todos os caminho pelo qual passou. sentidos o mais aguçados o possível. Em sua mente passava todos os tipos de perguntas e dúvidas. Sentia medo. Medo do desconhecido, do que estava por vir.

O Segundo Demorou Mil Anos.

Então passou por sua mente que tudo aquilo não fazia sentido, o corpo ficou pesado, respiração pesada, sua cabeça doeu, e como que se fechasse os olhos, a luz se foi. Com desespero, mas sem forças, tentou se recompor e enxergar novamente. Então abriu os

olhos, sentiu cheiro de rosas, peso em seu peito, e vozes. **O Indomável Senhor das Águas**

Foi durante a Segunda Guerra Mundial que Artie descobriu o precioso talento que possuía para nadar. Não se sabe ao certo como um sujeito que jamais entrara debaixo d'água acabou parando na Marinha norte-americana, mas a teoria mais aceita é que Artie tropeçou e bateu a cabeça no chão. Após todas as explicações, abraços, choros, felicidades, se acalmou, mas durante isso tudo, ele se perguntava:

Como Acabaria Aquela Sonha? mas encarou com eficiência as primeiras experiências marítimas. Antes da lendária batalha naval contra os japoneses, ele fez sua estreia em piscinas num navio do Corpo de Fuzileiros Navais. Oscar Nimitz, comandante de Artie, gostava de contar a história da primeira vez que o lendário fuzileiro entrou debaixo d'água: "Foi durante um dos primeiros treinamentos. Especificamente o primeiro debaixo d'água. Alguém teria dito que havia um sujeito que, apesar de ser um novíssimo fuzileiro naval, simplesmente não sabia nadar. A história naturalmente se tornou uma piada e eis que Artie, o tal fuzileiro, foi-nos apresentado.

Ele possuía um semblante de extremo pavor, que só parecia aumentar por conta das gargalhadas impiedosas que partiam do pelotão. Seu medo se tornou maior porque ordenei que ele entrasse na piscina do convés. Estava na cara que ele realmente não sabia nadar. Mas Artie simplesmente acatou minha ordem e saltou. Ele deu indícios de que se afogaria, mas antes que fosse necessário resgatá-lo, o demônio que o possuiria pelo resto da vida apareceu. Foi ali que Artie virou o demônio. Então ele cruzou a piscina numa velocidade que eu jamais vira em toda minha vida, e ao chegar ao outro lado, se apoiou na borda de maneira atabalhoada, e arregalou os olhos verdes que o caracterizavam. Nem ele acreditava no que acabara de fazer. Assim nasceu o fenômeno.”.

Apesar de ter de tudo para ser um galã: olhos verdes, cabelos louros e lisos, corpo naturalmente esbelto e altura de modelo, Artie não fazia o menor sucesso com as garotas, o que se devia principalmente ao seu modo desligado e preguiçoso de ser. Apesar de jamais ter sido confirmado, acredita-se que Artie tinha um leve autismo.

Em 1934 Artie desistiu dos estudos e o pai desistiu dele. Tornou-se definitivamente um fardo para a família e no ano seguinte, por sua inutilidade e estranheza, acabou sendo expulso de casa, onde era constantemente depreciado por ser bastardo e desligado. Após algumas semanas vivendo como mendigo, acabou por ser acolhido por um casal de idosos, que lhe proporcionaram comida e abrigo em troca de serviços braçais na fazenda onde moravam. A relação foi inicialmente boa, mas com o passar do tempo, o temperamento de Artie começou a mudar, e arranhou sua imagem perante Oliver e Rita, o casal de idosos que o tiraram da rua. Em 1939, quando tudo indicava que o comportamento de Artie novamente o deixaria sem um lar, o garoto litorâneo que jamais visitara o mar foi convocado para integrar o Corpo de Fuzileiros Navais na Segunda Guerra Mundial. Receoso e com o profundo desejo de se recusar a servir o país, Artie rumou para o caminho que mudaria sua vida. Sucesso absoluto nas competições entre fuzileiros, Artie passou a duelar também contra marinheiros, sem encontrar um adversário sequer que chegasse à sua altura. Ele tinha vinte e três anos

de idade, e finalmente descobrira o motivo pelo qual
ao mundo.
veio.

Com o passar do tempo, as competições internas já não mais o satisfaziam. Artie desenvolveu então a obsessão que marcaria sua vida: ganhar um ouro olímpico. Afinal, de nada adiantava humilhar meia dúzia de militares, se o grande público jamais reconheceria seus feitos. Assim, a Guerra Mundial, responsável pela interrupção do ciclo olímpico, tornou-se a grande maldição da vida de Artie. Artie tinha vinte e oito anos quando a Segunda Guerra Mundial finalmente chegou ao fim. Condecorado como herói nacional após participar de diversos duelos navais, ele decidiu abandonar a carreira militar e se voltar para um único objetivo: conquistar um ouro olímpico. Foi então que sua carreira chegou ao ápice. Com extrema facilidade, Artie venceu todos os torneios que disputou no ano de 1946, abrangendo além dos cem metros livres – que era sua especialidade –, os duzentos e quatrocentos livres, além dos duzentos metros peito. Não houve um campeonato e uma categoria sequer que Artie tenha participado sem vencer.

Naturalmente, tornou-se estrela nacional, excessivamente bajulada e endeusada em festas

privadas para celebridades e membros da alta sociedade. De um sujeito quieto e tímido, Artie tornou-se elétrico e popular, numa mudança drástica de caráter. As festas repletas de mulheres exuberantes, regadas a bebidas alcóolicas e drogas como lança perfume e éter, passaram a se tornar um empecilho no seguimento da carreira de Artie. Os excessos, porém, parecem não fazer diferença no início de 1947, porque

Artie continuou vencendo todas as competições. Mas com o passar do ano, a queda de desempenho da estrela maior da natação ficou evidente assim que Artie passou a marcar tempos bem acima do seu normal, beirando os 55 segundos, o que quase o colocava no mesmo nível dos demais nadadores.

Os primeiros sintomas da doença que dificultariam a realização do sonho de Artie apareceram ainda em 1947, quando pequenas manchas avermelhadas lhe dominaram o corpo, evidenciando que havia algo de errado com o recordista mundial. Essas marcas, aliadas a constantes febres que o afligiam, acabariam resultando no diagnóstico que mudaria sua vida: Artie estava com sífilis em estágio secundário nas vésperas da Olimpíada de 1948. As consequências da doença teimavam em castigá-lo. Insuportáveis dores nas costas e na cabeça, problemas oftalmológicos e nos rins, aliados as constantes febres tornaram a vida do recordista mundial um verdadeiro inferno. Nas

semifinais dos cem metros livres, Artie perdeu pela primeira vez na vida. Com o tempo de 58.5, ele ficou na terceira colocação, atrás dos compatriotas Wally Ris e Keith Carter, que fizeram respectivamente 57.9 e 58.1, derrotando o maior mito da história da natação. A expressão de incredulidade de Artie e de que ele já não era o mesmo de antes. Se Artie quisesse realizar seu maior sonho, deveria ter mais do que um talento descomunal. Ele precisava de gana. Um dos momentos mais icônicos da história das Olimpíadas. No dia seguinte, data da final, Artie Portador de sífilis, febril de quarenta e dois graus, acordou com a maior febre de sua vida. Com intensas dores nas costas e na cabeça, e inacreditáveis quarenta e dois graus. enfraquecido com a perda de peso, Artie saltou na piscina no dia 31 de julho de 1948 para buscar o maior sonho de sua vida. Ele estava a apenas cem metros de conseguir o ouro olímpico, que era sua grande obsessão. A disputa iniciou-se eletrizante, todos chegaram juntos, e somente a visão dos peritos podia dizer ao certo quem era o vencedor. Sob aplausos e gritos de surpresa dos espectadores, foi anunciado o terceiro lugar para Taha Youseff, que fez o tempo de 58.1. A segunda colocação ficou com Keith Carter com a marca de 58.0. O ouro ficou com Wally Ris, que conseguiu 58.9. Artie Boordergast, quarto colocado, completou o percurso com o tempo de 58.3,

e amargou a segunda – e pior – derrota de sua vida. Ao término das Olimpíadas de 1948, Artie garantiu à mídia norte-americana que a derrota em Londres não seria o fim da lenda. Apesar de improvável, garantiu que seria capaz de conseguir o ouro em 1952, nas Olimpíadas de Helsinque, na Finlândia, e que nada, nem a doença e nem a idade seriam capazes de lhe impedir de conquistar seu maior desejo. As primeiras derrotas, porém, abalaram Artie mais do que o esperado. A decepção do sonho destruído, atrelada às manifestações da sífilis mudaram sua vida. Ele chegou a participar de alguns pequenos torneios nos Estados Unidos entre 1948 e 1949, mas não venceu nenhum. Problemas psicológicos passaram a afetá-lo e a partir de 1950, Artie não disputou competições de natação. Ainda naquele ano, foi diagnosticado como louco, e a Confederação Norte-Americana de Natação acabaria o internado no sanatório e pagando por todas as despesas. Artie, porém, declarava para todo mundo que ainda conquistaria o ouro olímpico.

Completamente magro e destruído, Artie declarou a um repórter no início de 1952 que apesar dos trinta e cinco anos de idade e dos dois anos de inatividade, participaria das classificatórias para as Olimpíadas e

surpreenderia o mundo com seu poder de
Durante a preparação para as Eliminatórias, Artie e
recuperação.

um médico novato foram até a praia de Atlantic
Beach, onde o insano ex-nadador deliciou-se com a
interação com o mar, acreditando que aquela era uma
espécie de preparação para as Olimpíadas. Quando
estavam deixando a praia, o médico questionou a
veracidade da lenda da batalha naval de 1940.

Sorrindo, Artie desafiou o médico a ver sua façanha
com os próprios olhos. Por mais que Artie fosse o
louco da história, o médico o acompanhou até um píer
e amarrou os braços do paciente atrás do corpo e
também prendeu suas pernas. O fascínio perante uma
lenda falou mais alto do que a lucidez. – Você será o
único capaz de julgar se a história da batalha naval é
ou não verdade. Você é um felizardo. – Artie disse com
a voz fraca e com o olhar baixo, antes de pular do píer
em direção ao mar. O médico ficou absolutamente
fascinado ao ver o paciente flutuar no mar inquieto, e
balançar o corpo de modo exuberante, controlando
com maestria as ondas que batiam violentamente em
seu corpo. Sem usar as mãos e os pés, Artie foi
lentamente se distanciando da terra firme. O mar não
o engoliu. Artie é que decidiu fazer parte dele. Seu
corpo jamais seria encontrado.

Com o avanço da tecnologia e dos estudos esportivos, a tendência é de que o recorde mundial abaixe cada vez mais, e que a façanha de Artie em 1947 acabe se tornando irrelevante. Porém, a natação jamais terá uma figura tão emblemática como Artie Boordergast, e é por isso que ele será para sempre a maior lenda da história da natação. A lenda das águas!

O encontro.

No ano de 2009, mais precisamente em agosto um jovem que morava com sua mãe em Manchester na Inglaterra veio passar férias de um mês no seu país nativo o Brasil. Assim que chegou em sua cidade e começou a conversar com alguns amigos e amigas lembrou de uma antiga “namoradinha” a qual já tinha se relacionado antes de mudar para Europa, mas sabia ele que essa menina ia ser apenas uma ponte para conhecer uma pessoa.

Durante esse reencontro em um shopping, essa menina estava com uma bela amiga a qual ele e ela viraram grandes amigos. O rapaz encantado com a moça conversou bastante com ela e criou uma grande amizade, o rapaz com muito pesar no coração teve que voltar para a Europa dias seguintes, logo que voltou sua vida voltando a rotina fria da Europa com dias frios e muita solidão acabou se afastando um pouco dela.

Logo que um belo dia ao postar uma foto com um garotinho irmão de um grande amigo de 4 anos a menina fez um comentário na foto dizendo que os dois estavam lindos e assim voltou a conversar bastante

com ela, durante um certo tempo uma coisa mais amigável que não parecia levar a nada, até que após o primeiro dia do ano pra ser mais exato no dia 2 de janeiro de 2010 eles começaram a namorar muitas conversas e risadas perceberam que havia mesmo sem ter um tocado no outro, era uma coisa Uma sintonia entre eles que não era apenas uma amizade. tão intensa que passavam cerca de 8 a 10 horas por dia no telefone assistiam filmes juntos, series juntos mesmo distantes parecia que estavam um do lado do outro, havia noites que acordavam chamando o nome do outro como se eles estivessem um do lado do outro. Ambos muito apaixonados, o rapaz resolveu voltar para o Brasil pra ficar junto dela mesmo parecendo uma loucura o rapaz tão jovem com apenas 16 anos trabalhou e lutou para comprar sua passagem para voltar ao Brasil fica junto de sua amada, e por incrível que pareça o rapaz que pesquisava incansavelmente todos os dias para encontrar uma passagem de volta com o preço mais acessível encontrou uma passagem para o dia 12 de junho que por coincidência era o dia dos namorados os dois estavam aguardando ansiosamente por esse dia faziam planos para o dia parecendo duas crianças encantadas um com o outro até que chegou o grande dia da partida para finalmente eles se conhecerem pessoalmente, o rapaz todo preparado com alianças de compromisso no bolso vários presente para ela pegou seu avião, seu

primeiro destino foi Zurich na suíça onde seu voo fazia Chegado no aeroporto com o corpo tremendo com escada assim que saiu de lá com destino a São Paulo a muita vontade de encontrar sua amada ela não estava cada momento parecia que o grande sonho estava se la apenas uns amigos que estavam esperando, até que tornado realidade após 12 horas de voo chegou em São Paulo e rapaz viu a moça toda linda caminhando rumo ao saguão do aeroporto em sua direção, parecia que tudo se tornava realidade os dois se beijaram trocaram aliança ali mesmo e por incrível que pareça não tinha nada de diferente parecia que eles já estavam junto a muito tempo que um já conhecia o corpo do outro perfeitamente, eles não se desgrudavam parecia coisa de loucos passavam o dia inteiro juntos.

Se passaram 3 meses desse louco amor com brigas aventuras viagens que uma noticia meio desesperadora aconteceu, Deus tinha dado mais uma obstáculo na vida deles os presenteando com um filho no meio de 2011 nasceu o filho deles o qual se chama Pedro Henrique, sem nenhuma experiência os dois muitos jovens passaram algumas dificuldades mais com muita ajuda de pais e familiares passavam por tudo com muito amor, hoje Pedro Henrique já tem 5 anos estão casados com mente totalmente diferente construindo uma linda família com muito amor e alegria.

Agradacimentos:

Agradecemos todos nossos amigos e familias que nos ajudaram a criar nossos contos.